

O canteiro e o desenho

Sérgio Ferro

Os ídolos e o despotismo do projeto

"A crítica nos diz que devemos aprender a dissolver os ídolos: aprender a dissolvê-los dentro de nós mesmos." (Otávio Paz: "O Labirinto da Solidão").

Não sei se Sérgio Ferro conhece o texto de Otávio Paz do qual extrai a citação acima. Acredito que não, muito embora seja grande a semelhança entre o que recomenda Paz e o que realiza Ferro através do seu livro publicado sob o título "O Canteiro e o Desenho". Trata-se apenas, tudo leva a crer, de uma feliz coincidência, imposta por circunstâncias que levam alguns a pensar da mesma maneira.

O que interessa entretanto ressaltar é o fato de que romper com os ídolos que nós arquitetos carregamos dentro de nós mesmos significa cometer a salutar "heresia" de criticar a produção da arquitetura, por "caminhos nunca dantes navegados", eu diria mesmo proibidos pelas formas menos aparentes e mais sutis e eficazes de censura social. Caminhos que nos conduzem à essência da prática que tem o arquiteto como suporte e, certamente, por isso mesmo, caminhos fechados a sete chaves pelas vestais do templo no qual o culto à profissão se realiza. E pela crítica de quem se dispôs a romper com os mitos e tabus, Sérgio Ferro nos mostra o ritual do projeto e o papel dos seus sacerdotes, sem os mistérios e os paramentos que os representam sempre travestidos e os encobrem com o manto da mistificação.

Assim pois, e se fosse o caso de tomar de empréstimo algumas expressões de Althusser, eu diria que o pensamento de Sérgio Ferro, contido no referido livro, significa um verdadeiro "corte epistemológico" no campo da teoria e da historiografia arquitetônica. Ele nos envia, e de forma precisa, ao cerne de uma problemática até então não formulada por todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, haviam reivindicado para si a explicação da "criação" arquitetônica, associando-a à prática desenvolvida pelo profissional arquiteto. E no universo desta nova problemática — em muitos dos seus aspectos negadora das demais que a antecederam —, o objeto central da crítica não é o Sistema, como qualquer coisa de amorfa e transcendente, mas sim a maneira como este se (re)produz através do trabalho feito pelo "homem do projeto". Postura singular, visto que os arquitetos e críticos de arquitetura se têm mostrado hábeis na manutenção da velha tradição que os dispensa, ou os torna incapazes de fazer uma crítica na qual eles próprios seriam o alvo. Crítica entretanto inevitável toda vez que a apreensão científica (não cientista) da produção arquitetônica ocupa o lugar da retórica e das representações estritamente ideológicas que privilegiam as aparências dos fenômenos. Mas toda a ciência seria supérflua, já dizia Marx, se a aparência e a essência das coisas coincidissem diretamente. E quando Sérgio nos mostra a essência do tra-

balho do arquiteto, em todas as suas dimensões, torna-se claro o conteúdo das relações de produção que a sua existência pressupõe, e torna-se impossível — se se procura o rigor da crítica — representá-las como simplesmente técnicas ou meramente profissionais.

Pela crítica radical do projeto arquitetônico e suas relações com o canteiro, Ferro desmistifica as relações existentes entre o conceber e o construir. Ao romper com as visões fetichizadas e fetichizadoras da produção da arquitetura, a sua crítica nos mostra os vínculos existentes entre o projeto e o canteiro não como relação entre coisas, mas como relação entre trabalhos socialmente distintos e antagônicos, mediatizados por coisas: trata-se, no caso, do trabalho do arquiteto e das suas relações conflitantes com o trabalho dos operários da construção. Sérgio rompe assim com a fetichização do projeto, pela qual se escondem as contradições que acompanham a produção da arquitetura sempre que nela o processo de trabalho é determinado pela divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. O desenho arquitetônico, enquanto objetivação do trabalho morto a subordinar o trabalho vivo, e enquanto expressão exaltada da divisão social entre o planejar e o executar, se revela então como condição necessária ao capital que subordina o trabalho. "Com efeito, diz Sérgio Ferro, o desenho de arquitetura é mediação insubstituível para a totalização da produção sob o capital. Dados seus pressupostos habituais (o programa, enumeração geralmente descosida de peças e "funções" salpicada de vagos propósitos; o "preço" limite; a técnica, menos escolhida que imposta pela conjuntura da procura de mais-valia etc.) é o desenho a partir de lá elaborado que orientará o desenvolvimento da produção. Nesse primeiro emprego, conta pouco o que se queira chamar de qualidade ou adequação, ou ainda o fato comum de ser continuamente adaptado a novos parâmetros, de fornecimento ou de venda, de financiamento ou de caricatura do que foi, há tempo já, o gosto. O que vale é que este desenho fornece o solo, a coluna vertebral que a tudo conformará, no canteiro ou nas unidades produtoras de peças. Em particular — e é o principal — juntará trabalho antes separado, e trabalho a instrumento."

Nesta abordagem reside, creio eu, a "revolução teórica" realizada por Ferro, no domínio da crítica arquitetônica. E mesmo sabendo que originalidade não é critério de valor, nos é forçoso reconhecer que, no caso, a originalidade do pensamento reside na perfeita definição de algo de fundamental importância: a caracterização da prática do arquiteto naquilo que ela tem de substancial. Isto é, no que concerne às suas relações com o trabalho feito pelos operários da construção. E quando o essencial aparece, as boas intenções (quando existem) se mostram incapazes de alterar o significado do projeto, e os vários adjetivos que lhe são atribuídos não conseguem esconder o que ele tem de substantivo: "... o desenho pode seguir os padrões

Sérgio Ferro

O canteiro
e o desenho

Projeto Editores Associados Ltda.
Instituto dos Arquitetos do Brasil/S.P.
112 pp.

1979

Paulo Bicca

dominantes ou não, seguir a "função" ou fazê-la seguir, ser qualificado de racional, orgânico, brutalista, metabólico ou como se queira no interior da confusão das pseudo-tendências, ser mais ou menos conformista em relação ao "utensílio" que informa, ser modulado, modenado ou a-sistemático, ornar ou abolir o ornamento: a constante única é ser desenho para a produção".

Aprender o projeto a partir destes pressupostos básicos, despiendo-o das roupagens e predicados que lhe atribuem os discursos dominantes, é ao mesmo tempo tomá-lo como eixo em torno do qual se estruturam as variáveis determinantes da organização do trabalho que terá lugar no canteiro. É considerar também que, através do projeto, o arquiteto se faz onipresente, a determinar cada trabalho em particular e a definir as relações entre eles: é através do projeto que o arquiteto instrumentaliza (sob a forma de desenhos e memoriais) um saber, propriedade privada sua e reverso da mesma medalha na qual, na outra face, a ignorância e a desqualificação dos operários se faz como corolário inevitável de todo o processo de trabalho automatizado (controlado e dirigido por outro que não aquele que o executa). "Fundamentalmente, diz Sérgio Ferro, o desenho é um instrumento do qual se serve aquele que não espera a participação lúcida do operário — mesmo se o canteiro não pode dela se dispensar. Ele não espera porque não quer, e não pode — ou ele não serviria o capital."

O projeto não determina apenas o espaço a construir, ele determina também o como construir; o projeto é representação gráfica do objeto produto, mas não somente isto. Ele é desenho feito para dirigir a construção. Ele não é apenas uma representação (como uma pintura), ele é fundamentalmente um instrumento de trabalho, ou melhor, instrumento para dirigir trabalhos. É através dele que o exercício da direção se faz presente no canteiro. "O canteiro é um pequeno governo, dizia Viollet le Duc, e se reconhece logo a maneira como ele é mantido e os resultados que ele dá." É para o exercício deste governo (poder) que o projeto existe como qualquer coisa de exterior e intangível nas suas relações com os operários: o projeto, no canteiro, não pode ser "violado" por aqueles que de fato constroem; o projeto imaculado consagra assim a divisão entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, o primeiro dominando o segundo. E quando fazemos a crítica a estas condições, mostra-nos Sérgio Ferro, o projeto, tido como puro e simples instrumento técnico, neutro etc., perde a máscara que o encobre, para surgir em cena como uma necessidade ditada pelas contradições (de classe) que colocam frente a frente arquitetos e operários da construção. Projeto que pressupõe um processo de trabalho no qual existe a separação entre quem dirige e quem é dirigido, entre quem controla e quem é controlado, entre quem decide e quem obedece, entre quem planeja e quem executa, entre quem domina e quem é dominado. O desenho arquitetônico, ordem de serviço, chega ao canteiro (aos

operários) como a expressão e uma vontade estrangeira e incontestável. Instrumento através do qual tudo se define, tudo se prescreve, tudo se prevê, e se proíbe tudo que lhe for estranho. Projeto pelo qual é exercido o despotismo inerente às relações de produção capitalistas: "No canteiro, diz Sérgio Ferro, os planos e memoriais — dos arquitetos, dos engenheiros, da equipe-pluridisciplinar tanto faz — decodificados pelos mestres e comunicados como ordens de serviço comandam o trabalho dividido. Neste momento, repetimos, não representam mais que uma forma particular do despotismo da direção capitalista".

Estas questões por si sós tornam extremamente oportuna a publicação de "O Canteiro e o Desenho." Num país como o Brasil, e num momento em que muito se fala em democratização, em fim do autoritarismo, em liberdade etc., o texto de Sérgio Ferro nos mostra, através da produção da arquitetura, que não é na superestrutura da sociedade que devem ser buscadas as bases primeiras destas formas de relações entre os homens, posto que as raízes das mesmas se encontram no momento em que a produção material se realiza. É nesta que, em última instância, tudo se joga, tudo se perde ou tudo se ganha. Pois é no momento da produção que estão os fundamentos das sociedades divididas entre opressores e oprimidos, entre senhores e escravos não importa de qual espécie: "... quando o senhor procura o prazer, ele o pode saborear; se o escravo satisfaz o mesmo desejo, ele é levado à morte. É esta diferença que importa ver quando se fala de liberdade na realidade social; outro conceito de liberdade, qualquer que ele seja, não pode acrescentar nada à discussão." (Horkheimer M.: "Les débuts de la philosophie bourgeoise de l'histoire".)

E qual é a liberdade usufruída pelos operários no canteiro? Qual a liberdade que eles têm de opinar sobre o que e o como fazer em matéria de arquitetura? Qual a liberdade que eles possuem para contestar as ordens que os arquitetos impõem através do projeto? A resposta a todas as perguntas desta natureza é sempre a mesma: nenhuma. Para os operários da construção, e devido às intrínsecas relações que eles mantêm com os representantes do capital (compreendido aí os arquitetos), as palavras direito de expressão, ausência de censura e autoritarismo etc. continuarão a soar como belas imagens distantes do seu quotidiano. E para eles, o aumento da dominação e exploração de seu trabalho continuará a se fazer acompanhar pelo aperfeiçoamento deste instrumento chamado projeto.

Sérgio Ferro nos ajuda a ver as coisas como elas de fato são. A presença do seu livro entre nós cumpre uma tarefa importante, mesmo fundamental, muito embora não consiga compensar ou preencher o vazio da sua ausência. Resta entretanto a vontade e a esperança de que a divulgação de "O Canteiro e o Desenho" represente, também, um sinal a mais de que se aproxima o momento em que seu exílio "voluntário" chegará ao fim, e em que os seus companheiros poderão dizer: Sérgio Ferro voltou.